

A BOA IMPRENSA, A POLÍTICA E A FAMÍLIA: OS DISCURSOS NORMATIZANTES NO JORNAL O APÓSTOLO (1929-1959)

THE PRESS, THE POLITICS AND THE FAMILY: THE SPEECHES IN
THE NEWSPAPER - THE APOSTLE(1929-1959)

Ana Claudia Ribas¹

RESUMO: Este artigo que almeja analisar o conteúdo dos discursos da imprensa católica catarinense, com especial enfoque para as representações normativas referentes à família e a identidades de gênero, construídos a partir do diálogo com interesses políticos e com anseios do clero, sem perder de vista os interesses e projetos do Vaticano.

PALAVRAS-CHAVE: Boa Imprensa – Representações – Identidades de Gênero.

ABSTRACT: This article that longs for to analyze the content of the speeches of the press catarinense catholic, with special approach for the referring normative representations to the family and the identities of sort, constructed from the dialogue with interests politicians and yearnings of the clergy, without losing of sight the interests and projects of the Vatican.

KEYWORDS: The good Press - Representations - Identities of Sort

*“A mulher está ligada ao marido
enquanto viver” Cor. 7, 39*

Durante a primeira metade do século XX, a imprensa passa gradativamente a se tornar um importante veículo de divulgação dos discursos católicos, e apesar da leitura ter sido, em muitos momentos, considerada como fonte de preocupação para a Igreja, chegando a não ser considerada como uma boa prática por vários de seus pensadores – que a viam como um hábito extremamente perigoso e contrário às práticas evangelizadoras da Igreja² – torna-se uma importante ferramenta para a divulgação e reafirmação do catolicismo no Brasil. E foi esta preocupação com as práticas de leitura dos fiéis católicos que acabou por inspirar a criação de uma imprensa católica chamada Boa Imprensa, em meados do século XIX no Brasil.

Em Santa Catarina, como em outros estados brasileiros, vários foram os representantes da Boa Imprensa, mas foi em 1929 que entrou em circulação o maior representante da imprensa católica catarinense: o jornal *O Apóstolo*³.

Tendo como norte documentos como o Concílio Vaticano I (1869-1870), onde se reafirma a representação da Igreja Católica, sendo o modelo de “sociedade Perfeita”, assim, única fonte “segura” de “civilidade” para as sociedades⁴, *O Apóstolo* se apresentava como porta-voz do catolicismo oficial, propagando as “corretas” formas de conduta, assim como, definindo as representações dos papéis a serem desempenhados pelos fiéis católicos dentro dessa sociedade, que, segundo os clérigos, encontrava-se a beira do caos relacional⁵ promovido pela modernização de costumes⁶.

Neste contexto, o jornal *O Apóstolo* dedicava-se a propagar discursos construídos

¹Cursando doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas pela UFSC, professora da Escola de Educação Básica João Silveira. E-mail: ribasanaclaudia@gmail.com.

²PAIVA, Aparecida. **A voz do veto:** a censura católica à leitura de romances. Belo Horizonte: Ed. Autentica, 1997, p. 57-60.

³Este jornal circulou quinzenalmente de 1929 a 1980, entretanto o período aqui analisado está compreendido de sua fundação até 1959, por tratar-se de um período que antecedeu a Concílio Vaticano II. *O Apóstolo* apresentava-se como divulgador da fé católica - estando sob a coordenação clerical. Distribuído exclusivamente através de assinaturas, em seus primeiros anos mantém sua circulação restrita a Florianópolis e região. Com o passar dos anos amplia sua distribuição, para o Paraná, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, chegando a enviar alguns exemplares para Portugal, Espanha e Itália. Na década de 1950 alcançou seu auge, sendo distribuído até a região norte do país.

⁴CONCÍLIO VATICANO I - 1869-1870. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=documentos&subsecao=concilios&artigo=vaticano1&lang=bra>. Acesso em: 25 ago. 2008.

dentro dos mais diversos temas, apresentando nestes preceitos que estavam em sintonia com a oficialidade católica. Alguns destes temas ganhavam maior destaque, como por exemplo, a família e a mulher, sobre os quais insidiam discursos normatizantes que almejavam a criação de identidades de gênero, buscando fundamentar as representações de homens e mulheres, legando limites aos espaços sociais destinados a cada um dos sexos, assim como, ao que se referia a responsabilidade sobre a família e sua manutenção.

Dentro desta perspectiva, tornou-se oportuno utilizar para a realização deste trabalho a categoria gênero como importante instrumental na busca pela compreensão destes discursos normativos católicos. Do mesmo modo, por tratar-se de uma análise do conteúdo dos discursos propagados pelo jornal *O Apóstolo*, e as representações sobre família, homens e mulheres presentes neste, o trabalho aqui apresentado possui limites: em nenhum momento da análise considerase as práticas dos fiéis ou o modo como estes se apropriavam ou não dos discursos proferidos por este periódico católico.

Um novo contexto: a deixa para os discursos normatizantes de *O Apóstolo*

A representação de família veiculada pelo jornal *O Apóstolo*, apesar de construída em sintonia

com os preceitos católicos, não nasce exclusivamente dentro do discurso religioso. Fruto da sociedade capitalista e industrial moderna, que acabou por redefinir não apenas as relações entre as classes sociais, assim como as relações de gênero⁷, esta representação de família conjugal moderna, especialmente focada no ambiente privado, constitui-se de elementos de um mundo feminino, vinculado à casa, oposto ao mundo público, exclusivamente masculino, delineando fronteiras entre o comportamento de homens e mulheres, promovendo o cultivo da “cultura familiar que enfatizava a privacidade, o amor materno e a criança, fazendo da mulher a própria encarnação de tudo aquilo que a vida privada e familiar passou a significar no plano do imaginário social”⁸.

No Brasil, somente a partir da segunda metade do século XIX, as mudanças que se iniciavam com a modernização⁹ viriam a acarretar mudanças na vida social, assim como, na estruturação familiar. Desenvolviam-se, especialmente nos espaços urbanos, novos modos de relacionamento, com bases na difusão das normas de disciplina médico-higiênicas, já consagradas na Europa.

Na primeira metade do século XX estas novas configurações de família já começavam a sofrer mudanças. Após os anos 30 quando as mulheres passam a ter maior acesso à educação e, conseqüentemente, a ocupar outros espaços dentro do mercado de trabalho, proporcionando uma

⁵O conceito de “caos relacional” foi desenvolvido por Berger, e refere-se a ascensão de situações consideradas marginais, que acabam por revelar a precariedade do mundo social construído, e que podem acabar por causar sua ruína, culminando em uma situação de total anomia. (In: BERGER, Peter. **O Dossel Sagrado** – Elementos para uma teoria sociológica da Religião. São Paulo: Paulus, 1985).

⁶Com a Revolução de 1930 no Brasil, a sociedade estaria, de acordo com a ótica do clero, necessitando de um referencial seguro de civilidade, papel que seria, indubitavelmente, legado à Igreja Católica. Esta relação com o novo governo instaurado a partir de 1930 diz respeito também à classe social com quem tanto o governo, quanto o clero brasileiro priorizavam o diálogo: a classe média. A Revolução de 1930 representava a classe média urbana que havia crescido muito em número e importância durante as primeiras décadas do século XX. A partir desta classe média urbana – público a quem estava direcionado o periódico *O Apóstolo* -, construíam-se as representações utilizadas nos discursos católicos. Algumas alcançaram grande êxito, outras com menor receptividade, acabaram substituídas do decorrer desse diálogo com os fiéis.

⁷Utilizo aqui o termo gênero, entendendo-o como uma forma de organização social da diferença sexual, não limitada às diferenças físicas, mas como um conjunto de significados estabelecidos através desta. Estarei utilizando-me da categoria de análise gênero procurando alcançar uma melhor compreensão dos discursos de *O Apóstolo* no que se referiam as representações femininas e masculinas, tendo como norte os estudos de Joan Scott. (In: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e realidade**. Porto Alegre, Faculdade de Educação, UFRGS. V. 20, n. 2, p. 71-101, jul./dez. 1995).

⁸VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e Plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 29-31.

⁹O processo de modernização da sociedade capitalista acabou gerando uma de-secularização da sociedade, um “desencantamento do mundo”, como afirmou Max Weber. Um desencantamento do mundo no plano das idéias, ou seja, desencantamento das imagens do mundo, desencantamento com a moral religiosa ou com a conduta baseada na religião, inspirada em uma racionalização técnico-científica. In: PIERUCCI, Antônio Flávio. **O desencantamento do mundo**: todos ao passo do conceito em Max Weber. São Paulo: USP, 2003 (Tese de Doutorado).

nova divisão sexual de funções. Essas mudanças não seriam rápidas, nem fáceis, e se estenderiam por todo esse século, refletindo-se não apenas dentro do espaço público do trabalho remunerado, mas também dentro da esfera privada, na convivência e nas organizações familiares.

O discurso católico, construído dentro de sua própria visão de mundo e de caráter essencialmente normativo, colocou-se na contramão dessas mudanças, especialmente aquelas que influíam diretamente na organização familiar, considerando-as ameaças à ordem social estabelecida. Fazia-se necessário, então, reforçar seus preceitos através dos discursos, promover o convencimento da população católica de que as transformações sociais traziam consigo a anomia e o caos relacional. E foi neste empreendimento de convencimento que o jornal *O Apóstolo* desempenhou importante papel como divulgador dos preceitos católicos.

Para a efetivação deste empreendimento, entende-se que o clero lançou mão de preceitos tradicionais do catolicismo, e que, portanto, não se deve limitar a construção da análise desse momento histórico apenas considerando-o como parte de um fluxo constante, mas se faz necessário compreendê-lo para além do dinâmico, na busca pelas permanências e as cristalizações¹⁰. Deste modo, ganha destaque a defesa pelo casamento monogâmico indissolúvel, representado como “o grande sacramento” e “instituição de Nosso Senhor Jesus Cristo”¹¹, assim como a legitimação da prole somente dentro da instituição familiar devidamente reconhecida pelos representantes da Igreja, além da defesa da fidelidade e a castidade pré-nupcial feminina, da dedicação à maternidade como maior função da mulher, entre outras questões que eram reafirmadas insistentemente nas páginas de *O Apóstolo* no decorrer do período de 1929 a 1959, dentro das mais variadas construções argumentativas.

A família e a normatização: o lugar da mulher

Desde o final do século XIX, mas especialmente na primeira metade do século XX, as mudanças sofridas pela sociedade mundial acabaram por reforçar a hierarquia clerical, assim como o ultramontanismo¹². O pensamento ultramontano responsabilizava a própria sociedade pela perversão dos costumes, uma vez que muitos de seus membros passaram a desobedecer às normas de conduta católicas, cedendo a modernização pela qual a sociedade passava.

Dentro do ultramontanismo a figura da mulher surge como instrumento estratégico para a manutenção do poder da Igreja Católica, pois o clero acreditava que as normas católicas poderiam ser introduzidas no interior de cada família através da esposa/mãe, que educaria os filhos e influenciaria o marido. Desta maneira, a mulher seria a catalisadora dos preceitos normativos católicos, ao implementá-los primeiramente na família e, por conseguinte, a toda sociedade. Nas páginas do jornal *O Apóstolo*, os discursos normatizadores que se dedicavam à formação de uma família católica, acabavam tendo como seu principal foco a mulher e a propagação de suas representações.

Por estar sempre ligada ao lar e às funções maternais, a representação feminina católica construía-se tendo como modelo supremo a figura de Maria, considerada como exemplo de perfeição. Esta trazia em sua composição representativa o comportamento modesto, recatado, paciente, amável, humilde e manso, sem sobressaltos ou agitações, capaz de santificar o lar. O íntimo vínculo entre a representação da mulher católica e a representação de Maria desenvolveu-se dentro de um paradoxo comum na doutrina católica: Eva, a mãe dos homens e Maria, a mãe de Deus¹³.

Enquanto Eva representava a mulher tentação, a perda masculina, Maria surge como a porta da salvação, modelo de recato e pureza, desvinculada do desejo sexual, ligada ao lar e à maternidade¹⁴.

¹⁰ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: 2007, p. 30.

¹¹BRANDÃO, Ascânio. Noivados e Casamentos. **O Apóstolo**, Florianópolis, 15 fev. 1938, n.184, p. 02.

¹²Doutrina que defende a infalibilidade papal, proclamada durante o Concílio Vaticano I, em 1870, e que na prática, acarreta a veneração do “santo padre” para “além das montanhas”.

¹³FRANCO, José Eduardo; CABANAS, Maria Isabel Morán. **O Padre Antonio Vieira e as Mulheres: o mito barroco do universo feminino**. São Paulo: Arké, 2008.

¹⁴Ibid, passim.

A responsabilidade legada à mulher, dentro do discurso católico, de estar sempre vigilante em prol do catolicismo, principalmente dentro de sua família, chega a ser tratada como sua “sublime missão”, e que, portanto, deveria ser constantemente reafirmada, de modo a contrapor-se às tendências da sociedade que se modernizava, acabava impulsionando-a para longe do ambiente doméstico.

A preocupação com a modernização da sociedade e a possível desvinculação do feminino do ambiente privado era tamanha que em 1938 o Apostolado da Oração de Florianópolis realizou suas atividades tendo como intenção geral para as orações o mês de abril deste corrente, o seguinte tema: “Que as mulheres com grande ardor se dediquem a Vida Doméstica”.

A Sublime Missão da Mulher

Toda a grandeza moral dessa missão revela-se perante o satânico esforço da impiedade libertina da sociedade moderna, que, por mil insidiosas artes, trabalha por declarar a mulher, arrancando-a fora da sua sublime Missão.

(...)

Da escola sem Deus, passa para a família sem Deus; então o coração da Mulher, desligando de religião, da moral, do dever, do respeito de si mesma, torna-se instrumento de depravação e de sedução.

(...)

Bem se pode afirmar que tudo depende da Mulher, a saúde, o amor, a virtude, a religião, quando ela generosa e ardentemente se dedica a Vida Doméstica, em cujo trono ela impera como Rainha.
[grifos meus]

Estes discursos de domesticidade feminina acabam perpassados pela ideia de que sua saída para o espaço público seria um fator de desordem social, uma vez que despertaria o desejo dos homens, pois no mundo público a mulher estaria mais próxima do modelo pecador, ou seja, de Eva. No entanto, ao resignar-se ao espaço doméstico, a mulher estaria se aproximando do modelo da perfeição: Maria.

Há nos textos da Boa Imprensa catarinense, dentro do período analisado para a realização desta pesquisa, poucas variações nas representações femininas. Muitas vezes centram-se na ideia da vinculação dessas com o espaço privado, desaconselhando-as o espaço público, especialmente bailes, festas e cinemas – lugares considerados de transgressão moral –, onde a respeitabilidade seria questionável, dadas as “liberdades” possíveis nestes espaços.

A modéstia era outro valor muito reiterado para as mulheres e se refere a vestimenta feminina, que deveria ser resumida a trajes que não deixassem a mostra nem cotovelos, nem joelhos, desaprovando também os trajes decotados. É válido ressaltar que a modéstia pregada pela Igreja Católica também excluía a utilização de quaisquer maquiagens, assim como depilações ou remodelamento de sobrancelhas¹⁵.

Não raramente era possível encontrar nas páginas de *O Apóstolo* “conselhos” elencados com *status* de mandamentos, almejando moldar a conduta das meninas e mulheres mais jovens, direcionando-as para a vida de esposas obedientes e mães dedicadas, chegando ao extremo de pregar a vigilância não apenas de suas ações, mas como também de seus pensamentos, como se pode ver a seguir:

1º Ama a tua mãe sobre todas as mulheres.

2º Não conserves pensamentos que tua mãe não possa conhecer nem pratiques atos que ela não possa ver.

(...)

5º Prefere a modéstia à beleza. Sê boa sempre.

(...)

7º Trabalha em tua casa como se não tivesse o auxílio de tua mãe. Pratica a tua vida como se Deus estivesse presente e faz diariamente a tua comunhão.

8º Aprender a falar sempre sem encolerizar-te, a sofrer e gozar sem extremos, e terás conseguido muito para seres feliz.

9º Habitua-te a ver em tua casa a mais agradável das residências e em teus pais os melhores amigos.

10º Trata e estima a todos os teus irmãos

¹⁵No decorrer da década de 1930 estes discursos apareciam com maior frequência, delimitando abertamente o tamanho das saias e das mangas, por exemplo. Estes discursos vão se modificando durante a década de 1940, e durante a década de 1950 já se resumem a criticar “as modas”, sem se referir aos tamanhos das saias ou das mangas.

como a filhos, não te esqueças que, não sendo boa amiga, não serás boa esposa, que e não sendo boa filha, nunca poderás ser boa mãe¹⁶. [grifos meus]

A obediência à família, a subserviência, a dedicação aos afazeres domésticos, são características ressaltadas para a composição de uma boa jovem católica e conseqüentemente, uma boa esposa e mãe – considerada a base de uma família cristã.

Nos discursos católicos nas décadas de 1930 e 1940, uma moça bem educada seria aquela obediente aos pais – prenúncio de uma futura obediência ao marido –, versada em prendas domésticas, e acima de tudo, recatada.

Em *O Apóstolo* não havia referências de mulheres como proprietárias de quaisquer bens ou como trabalhadoras. Não tratavam das mulheres que sobrevivam como lavadeiras ou aquelas que plantavam e colhiam, nem de qualquer outra atividade feminina comum na Ilha de Santa Catarina, especialmente para àquelas vindas de classes menos favorecidas¹⁷.

Isso se deve, especialmente ao fato de que essa era uma publicação que nasce destinada à elite da capital catarinense, onde, por toda a primeira metade do século XX as mulheres permaneceram intimamente ligadas ao espaço privado:

As mulheres da elite de Florianópolis, contudo, permaneceram reclusas aos papéis normativos. Além de esposas, filhas, irmãs e sogras, elas podiam ser, no máximo, damas beneficentes ou da diretoria de alguma associação cultural. Professora era, também, uma profissão aceita, principalmente para a moça solteira¹⁸.

As mulheres da elite florianopolitana mantiveram-se afastadas, por um longo tempo, de movimentos femininos que surgiam em outras capitais brasileiras, e que reivindicavam, por exemplo, o voto para as mulheres¹⁹.

O silêncio em *O Apóstolo* no que se refere às mulheres trabalhadoras das camadas populares parecia estar em sintonia com o próprio poder público:

A presença de mulheres das camadas populares nas ruas do centro urbano de Desterro/Florianópolis, no final do século XIX e início do XX, improvisando inúmeras formas de sobrevivência, foi mal suportada pela elite local, que pressupunha a restrição das mulheres na esfera íntima familiar como referência principal das famílias distintas.

Através de inúmeras práticas, os representantes de poder público tentaram impedir a livre circulação dessas mulheres, no bojo de uma política que visava retirar das áreas centrais os “inconvenientes”, que desabonavam a imagem de cidade “limpa” e “civilizada” que pretendiam construir²⁰.

Legando à mulher apenas ao privado, os discursos da Boa Imprensa afirmavam que o espaço doméstico seria o único local possível para a busca da santidade feminina²¹. Desde modo, o casamento recebia especial atenção, e *O Apóstolo* fornecia orientações especialmente direcionadas as mulheres:

No dia do casamento, um pai entregou à sua querida filha uma vassoura, um espelho e um crucifixo, com a seguinte explicação: “A **vassoura** servirá para varreres diante da 'própria' porta e não diante da porta alheia; O **espelho** servirá para examinares e veres as 'próprias' faltas; assim terá sossego e paz dentro e fora de casa; O **crucifixo** servirá para suportares com paciência e mérito as inevitáveis 'contrariedades', herança de todos os mortais!”²².

As virtudes que deveriam ser cultivadas pelas boas católicas eram reiteradas constantemente nas páginas de *O Apóstolo*. Assim,

¹⁶Conselhos de uma boa mãe a sua filha. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1931, p. 02.

¹⁷PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. 2ª ed., Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, passim.

¹⁸PEDRO, 1998. P. 91.

¹⁹Ibid. P. 82.

²⁰Ibid. P. 115.

²¹BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 220.

²²No dia do casamento... uma vassoura, um espelho e um crucifixo! *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jun. 1938, n.191, p. 01.

reafirmava-se que “mulher que se preza” deveria ser versada na arte de “bordado, coser, engomar, tecer, lavar, cozinhar e servir a mesa, além de arrumar a casa, inclusive estender as camas”, e deveria ainda “economizar, isto é, gastar menos do que tem”, mantendo-se afastada do “ciúme, da dissimulação, da mentira, do mexerico, da vã ostentação e desordem”, estando disciplinadamente reclusa ao lar e dedicada às suas atividades. Esta seria, então, a “mulher perfeita, mais preciosa do que ouro, as joias e as pedrarias”²³.

Política e religião: controle e submissão feminina

Havia, entre 1930 e 1945, interesses maiores que envolviam a reafirmação incisiva destas representações de identidades de gênero que estavam para além de restritos interesses do catolicismo como fornecedor de referenciais simbólicos. Interesses que se aliavam aos anseios católicos e acabavam por produzir situações de poder²⁴. Tratava-se da aproximação da Igreja Católica com o Governo Vargas.

O Estado Novo tinha por característica a influência dos ideais nazi-fascistas, o que acabavam por inspirar a concepção de que a família seria o princípio e o fundamento da nação²⁵. Mas de que família estaria tratando? Nada menos do que “a família conjugal, moderna e patriarcal, formada por ‘indivíduos’ cujo lugar social não partiria de uma escolha pessoal, mas de papéis atribuídos e normatizados segundo o gênero”²⁶.

Este desejo de normatização da família tem sua origem no século XIX acompanhado dos ideais de “ordem” e “progresso”²⁷. É bem verdade que nunca foi possível estender o modelo de família nuclear burguesa a toda sociedade brasileira, mas no que se refere à discursividade, difundiam-se amplamente representações normativas, principalmente no meio urbano.

Durante o Estado Novo surgiu uma sintonia entre estes preceitos normativos surgidos a partir dos discursos médicos e adotados como parte do ideal da República brasileira²⁸ e o discurso religioso católico, isto devido à estratégica aproximação entre a Igreja e o Estado. Os reflexos desta proximidade eram perceptíveis em *O Apóstolo*:

A família cristã é a melhor garantia para a sociedade. Não teremos jamais uma pátria grande e gloriosa, se a família se corromper na dissolução do materialismo, na sede insaciável dos prazeres. Não comentamos este crime de lesa-pátria, envenenando a família, a célula-mater da sociedade²⁹.

Tratava-se da civilidade, do autocontrole de uma vida familiar em prol da pátria brasileira, e na qual o papel desempenhado pela mulher é descrito como de primordial importância, mesmo que pautado no sofrimento:

O encanto da família depende do Poder da Virtude da Mulher, que sabe harmonizar, consolar, pacificar e vitalizar numa perene união os corações e as vontades do Esposo e dos Filhos.

(...)

O sofrimento bem se pode chamar a Herança obrigatória da humanidade: ora não existe nenhuma família sem sofrimento; a Mulher sofre mais que o homem, por causa da sua sensibilidade e dos ideais afetivos³⁰.

Mesmo parecendo que estes discursos católicos sempre estiveram em total consonância com a política nacional, é preciso perceber sua cristalização dentro de um fluxo temporal³¹. Em 1943 a legislação sofria mudanças – apesar de serem apenas pequenas brechas. Já não era mais necessária a autorização do marido para que a mulher casada pudesse trabalhar fora, mesmo que

²³Mulher. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1959, n.709, p. 04.

²⁴FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. 6ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1985.

²⁵LENHARO, Alcir. *Sacralização da Política*. 2 ed., São Paulo: Papirus/Unicamp, 1986, passim.

²⁶VAITSMAN, 1994. P. 59.

²⁷AREND, Sílvia Maria Fávero. *Amasiar ou casar? A família popular no final do século XIX*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001, p. 16.

²⁸COSTA, Jurandir Freire. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004, passim.

²⁹Cristianizemos a família. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1945, n.353, p. 02.

³⁰Apostolado: Intenção geral para abril – A Mulher Cristã. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 abr. 1938, n.187, p. 03.

³¹ALBUQUERQUE JR., 2007. p. 33.

“somente se este não conseguisse prover os meios necessários para a sobrevivência e a de seus filhos”³². Na década de 1950 aumentam as vagas de trabalho para as mulheres e aumentam aquelas que frequentavam universidades, mesmo que em cursos considerados tipicamente femininos. Quando enfim consolida-se, após 1955, o projeto desenvolvimentista no Brasil, empreendido por Juscelino Kubitschek, as rápidas transformações que passaram a ocorrer na sociedade contribuíram para que mais fissuras surgissem nas representações católicas de família.

Apesar dos discursos católicos de *O Apóstolo* manterem seus ideais normatizadores e suas representações cristalizadas durante as décadas de 1930, 1940 e 1950, o fluxo da dinâmica social refletia-se em seus discursos, e tornava-se perceptível na ênfase que alguns temas ganhavam ou perdiam destaque em suas páginas.

Um exemplo: durante os anos que compreenderam o Estado Novo, os discursos normativos direcionavam-se com maior ênfase à família como elemento essencial para a pátria. Já na década de 1950, a ênfase dos discursos da Boa Imprensa catarinense encontrava-se nos preceitos de conduta dirigidos à mulher, uma vez que as mudanças da sociedade brasileira sinalizavam para aquilo que o clero denominava de “corrupção de costumes”, ou seja, um maior acesso da mulher ao espaço público, o culto à beleza feminina, a sensualidade da moda, etc. Estas são nuances que nos permitem perceber de que maneira se davam as relações entre a produção do discurso católico de *O Apóstolo* e a sociedade que o recebia.

Para o discurso católico, a família não podia ser resumida a um dispositivo de transmissão de bens ou nomes, mas como um lugar de civilidade e de controle da sexualidade. E esta civilidade deveria estar embasada nos preceitos católicos.

A Igreja, nos discursos da Boa Imprensa, é descrita repetidamente como portadora dos preceitos de civilização. Se considerarmos que “civilização significa disciplina, e disciplina, por sua vez, implica controle dos impulsos interiores, controle este que, para ser eficaz, tem que de ser interno”³³, torna-se possível compreender a

perspectiva adotada pelo discurso católico para embasar esta afirmação.

A grande preocupação com a sexualidade por parte da Igreja Católica acabaria por legar ao casamento uma função muito específica: controlar os corpos, institucionalizando-os. Em suma, a sexualidade conjugal passa a ser o lugar da norma.

Na primeira metade do século XX, *O Apóstolo* tem uma difícil missão: reafirmar a importância do casamento não apenas como meio de controle da sexualidade, mas reafirmar a relevância do casamento religioso frente ao casamento civil – devido a instituição do casamento civil após o término do sistema de Padroado. E mais: era preciso reforçar as representações e o valor simbólico do casamento religioso, uma vez que esta não era uma prática tão corrente, como se pode imaginar. Um exemplo: os “raptos de noivas” praticados na ilha de Florianópolis, nas regiões mais distantes do centro. Nestes casos, quando o casal resolve morar junto, somente viria a formalizar da união, especialmente no religioso, depois do nascimento do primeiro filho, como forma de garantir o seu batismo na Igreja Católica³⁴.

No mais, o discurso da Boa Imprensa sobre o casamento não se restringia a reafirmar a importância de sua legitimação dentro de um âmbito religioso, mas também se dedicava a demarcar um modelo de família patriarcal, reforçando a hierarquia entre homens, mulheres e filhos.

Nessa perspectiva, uma representação muito corrente nas páginas de *O Apóstolo* é a de que a harmonia familiar deveria ser mantida pela esposa, através de sua submissão e subserviência ao marido. Não existiam dúvidas, nesses discursos, sobre seu papel no fracasso ou no sucesso da vida matrimonial, seja por ação ou por omissão.

Se há razões que levam um homem a perder o amor pela sua casa – o que se dá frequentemente – necessário se torna procurar as razões opostas, isto é, as que fazem o homem amar o seu lar.

Eis os resultados de uma enquête realizada entre 100 homens, de todas as categorias (ministros, advogados, médicos,

³²VAITSMAN, 1994. P. 60.

³³GIDDENS, 1993. P. 27.

³⁴Convém salientar que: “Ao contrário do que ocorre em zonas urbanizadas, a nova família formada através da fuga dos noivos incorpora-se ao grupo familiar maior e passa a existir como mais um braço da família extensa”. In: MALUF, Sônia. **Encontros Noturnos: Bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993, p. 25.

engenheiros, comerciários, operários, etc.). Todos responderam mais ou menos a mesma coisa. E pelas respostas, ficou bem esclarecido que são doze as principais razões que levam o homem a ter amor à sua própria casa:

- 1 - O sorriso da esposa.
- 2 - A mesa bem posta.
- 3 - O conforto que os fez sentir em sua própria casa.
- 4 - O acolhimento que a esposa faz aos seus amigos levando-os a fazer boa figura.
- 5 - Os motivos de bom gosto completados por arranjo de ótima impressão.
- 6 - A ordem e uma certa vaidade feminina.
- 7 - O respeito e a compreensão que a esposa nutre pelo seu trabalho.
- 8 - Os filhos bem educados.
- 9 - O calor familiar.
- 10 - A ausência de cenas de ciúme.
- 11 - A possibilidade de confiar, desabafando, os seus aborrecimentos e também seu mau humor.
- 12 - Sobretudo pelo bom humor: sorria sempre³⁵.

O texto acima, retirado das páginas de *O Apóstolo* exemplifica bem a responsabilidade legada à mulher no que se refere ao sucesso do casamento. Descrito como o resultado de uma pesquisa, este artigo deixa muitas dúvidas sobre as circunstâncias e os objetivos que envolveriam sua realização, não fornecendo quaisquer referências que possibilitem ao leitor ter certeza de sua confiabilidade. A suposta pesquisa tenta se revestir de uma aura de universalidade ao afirmar que teriam sido entrevistados 100 homens das mais diferentes profissões e classes sociais, de ministros a operários, na tentativa de provar que, independente de quaisquer variáveis haveria um único padrão de família, e que em todas estas, seria a mulher, reclusa ao espaço doméstico, dedicada às suas funções no lar e munida de um profundo espírito de subserviência, o diferencial entre o sucesso e o fracasso da unidade familiar.

Este empreendimento de reafirmação do modelo patriarcal, nuclear e pautada na

privacidade de um lar, não acontecia por acaso. Tratava-se de uma batalha contra as muitas configurações de famílias existente no Brasil, assim como na capital catarinense.

Assim, a normatização das famílias deveria começar com a preparação para o casamento, e este tema ganhava destaque em *O Apóstolo*. Esta preocupação estava presente em todo o período que analisamos, mas foi nos primeiros momentos da década de 1950 que o periódico ganhou uma sessão dedicada ao assunto chamada *Noivado e Matrimônio*. Esta sessão trazia textos assinados por clérigos e trechos de livros publicados pela Boa Imprensa, como o livro intitulado *Na Escolha do Futuro*, escrito pelo Pe. Geraldo Pires de Souza. Em geral os textos tratavam de como as jovens deveriam escolher seu futuro marido, de conselhos para se tornar uma boa esposa dedicada ao lar, filhos e ao esposo, mas dava destaque ao celibato pré-nupcial. Relatos de jovens que haviam “praticado o mal” e que acabavam vivendo “o resto da vida trás da sina deste erro”³⁶ eram comuns. Muitos eram os alertas sobre as possíveis “investidas sensuais” do noivo, pois se ele não fosse capaz de suportar os sacrifícios exigidos pela noiva, e almejava “satisfazer todos os seus desejos” não estaria à procura de uma “verdadeira união dos corações e dos sentimentos”³⁷ e com certeza não faria um bom matrimônio.

Cinzas do véu existem quando o noivado decai de sua casta significação. Um véu incendiado pelo fogo de paixões mal respeitadas pelos noivos bem merece a cobertura de cinzas fúnebres. Na noiva o véu é o símbolo de pureza.

Acautele-se nas visitas do noivo!³⁸.

O conselho era de que se fazia necessário “converter o noivado em esforço constante do aperfeiçoamento”³⁹, onde a noiva deveria manter sua compostura e seu recato, e acima de tudo, demonstrar obediência aos seus pais, provando que seria capaz de ser uma esposa também obediente⁴⁰,

³⁵ Missa pelo marido. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jun. 1933, n. 70, p. 04.

³⁶ Noivado e Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jun. 1951, n. 503, p. 04.

³⁷ Noivado e Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 nov. 1951, n. 513, p. 04.

³⁸ Noivado e Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 nov. 1951, n. 514, p. 04.

³⁹ Noivado e Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 set. 1951, n. 508, p. 04.

⁴⁰ Em um trecho do livro *A Escolha do Futuro*, publicado em *O Apóstolo*, traz a história de um jovem que rompe o noivado ao perceber que a noiva não se mostra obediente aos pais e que portanto não o seria enquanto esposa. Noivado e Matrimônio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 nov. 1951, n. 513, p. 04.

pois a esposa cristã deveria saber que “obediência e amor são as qualidades ou virtudes do matrimônio que hão de presidir as relações entre os esposos”, obediência, respeito e amor ao cabeça do casal⁴¹. É preciso lembrar que se trata de um modelo de família muito difundido na década de 1950, que representava os homens revestidos de autoridade e poder, sobre as mulheres e responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos⁴². Isto construído dentro de uma perspectiva que pressuponha uma hierarquia, respaldada pelo discurso sobre a natureza dos papéis sexuais.

Há um problema muito sério no lar. Quem manda? Marido ou mulher? O homem na rua e a mulher na casa? Mandam ambos? Não! Deus estabeleceu o homem como chefe da família. Diz São Paulo: “Vir caput est mulieris, sicut Christus est caput Ecclesiae” – O homem é o cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja⁴³.

A citação acima ilustra perfeitamente a reafirmação de uma representação hierárquica de família, centrada na figura masculina e pensada como reflexo da própria hierarquia clerical.

No que se refere à castidade pré-nupcial, os discursos da Boa Imprensa estavam dirigidos às moças casadeiras, uma vez que a “pureza” era descrita como única forma de se alcançar um bom casamento. Entretanto este ideal aparecia constantemente ameaçado pelo romantismo inspirado na literatura e no cinema e pelos flertes despreocupados, representados, em *O Apóstolo*, como as portas para um matrimônio desastroso, capaz de “descristianizar as famílias e arruinar a sociedade”⁴⁴.

Estas incríveis e despudoradas atitudes de “pombinhos” em cinemas e nas trevas, as liberdades dos pares de namoradinhos por aí afora, isto é amor?

Nunca! É o desprestígio e o desrespeito da mulher, o túmulo da pureza e a mais

desastrosa preparação para o matrimônio⁴⁵.

As preocupações com a normatização dos corpos e das ações femininas são o norte dos discursos veiculados em *O Apóstolo*. A resignação, a obediência, a dedicação à família, suas maiores virtudes. Os desvios de conduta das moças solteiras são legados a falta de zelo das mães – nunca dos pais –, pois seriam elas as responsáveis pelos filhos e filhas e por sua educação⁴⁶.

É interessante perceber que apesar de tamanho empreendimento discursivo visando a submissão feminina dentro da unidade familiar, esta não se tratava de uma prática uniforme entre as famílias católicas, pois nas páginas do próprio *O Apóstolo* surgiam sinalizações de que havia situações que não se encaixavam dentro das representações tão difundidas pela Boa Imprensa catarinense. Em um pequeno texto intitulado *Missa pelo Marido*, publicado repetidamente durante a década de 1930, é possível perceber esta falta de sintonia:

Senhora: Quero encomendar uma missa para que Deus se lembre de meu marido com uma boa morte.

Vigário: Por que isso?

Senhora: Não imagina quanto ele me faz sofrer, enquanto ele viver, não terei sossego.

Vigário: Lastimo sua sorte; mas nesta intenção não posso rezar missa.

O que posso fazer é dizer a missa para que Deus tire do mundo aquele de vós dois que for o mais culpado dessas brigas.

Senhora: Ah. Não, assim não quero; neste caso é melhor esperar um pouco.

Despediu-se, saiu e não voltou mais!

Está aí um caso típico⁴⁷. [grifo meu]

Este caso típico, apesar de apresentar um casamento que se encontra longe dos modelos pregados pela Boa Imprensa acaba, novamente, legando à esposa a culpa pelo insucesso de matrimônio.

⁴¹BRANDÃO, Ascânio. Quem manda?. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1950, n. 473, p. 04.

⁴²BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: PRIORE, Mari Del. *História das mulheres no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

⁴³BRANDÃO, Ascânio. Quem manda?. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 mar. 1950, n. 473, p. 04.

⁴⁴Ideal da Noiva. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 out. 1951, n. 512, p. 04.

⁴⁵É Pecado Namorar?. *O Apóstolo*, Florianópolis, 15 jan. 1954, n. 564, p. 02.

⁴⁶O namoro e a coruja. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 nov. 1946, n. 393, p. 04.

⁴⁷Missa pelo marido. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jun. 1933, n. 70, p. 04. Foi publicado também em: *Missa pelo marido*. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 fev. 1936, n. 135, p. 02.

Raros são os textos que realmente apresentam situações em que o homem, como marido, atua como responsável pelas dificuldades da vida a dois. Mesmo nessas situações, a indissolubilidade dos laços matrimoniais e a resignação feminina são novamente reafirmados, destacando virtudes como a paciência, a perseverança e a oração, pois “uma esposa piedosa tem um poder imenso diante de Nosso Senhor”⁴⁸.

Tanto pode a paciência da mulher! Calar, sofrer, rezar... eis as armas de Santa Rita. Porque não a empregam tantas esposas infelizes?

Confiança, minhas senhoras. Nem sempre uma pobre mulher tem a felicidade de um bom casamento e se há cruz difícil de carregar é a de um marido mau e de gênio e dedução diferentes da esposa!

Que fazer? Adotar o lema de Santa Rita: calar, sofrer, rezar⁴⁹.

O discurso pela resignação e submissão feminina é sustentado pela representação máxima da perfeição da mulher dentro do catolicismo: Maria. Descrita como “aquela que aceita, resignada, os desígnios do Pai, sacrificando-se muitas vezes na dor para agradá-lo”⁵⁰, ganhava especial destaque nas páginas de *O Apóstolo*.

A atenção dispensada à família nas páginas da Boa Imprensa catarinense teve seu auge durante o período do Estado Novo. O Governo de Getúlio utilizou-se de imagens, símbolos e comparações que o catolicismo costumava propagar⁵¹. As representações de família, tão comuns nos discursos católicos, seriam de grande utilidade para o governo, especialmente durante o período da ditadura varguista.

As relações familiares, segundo o catolicismo, deveriam estar alicerçadas nas ideias da Igreja Católica, e inspiradas em sua estrutura clerical, onde os “pais” seriam os sacerdotes e os “filhos” os fiéis. “Na família divina, o Deus-pai é

aquele que dá e toma para si a vida e é aqueles a quem se deve obedecer com resignação”. Assim, a religião católica acaba por “legitimar as instituições infundindo-lhes um *status* ontológico de validade suprema, isto é, *situando-as* num quadro de referência sagrado e cósmico”⁵³. O Estado Novo buscou utilizar-se destes recursos, abrindo importante espaço discursivo, onde a hierarquia familiar passa a legitimar a obediência não só à Igreja, mas também ao Estado, e aos seus poderes.

Dentro do plano católico de edificação de uma civilização cristã brasileira, a ideia de pátria surgia como objetivo para a construção do progresso, dentro de uma fundamentada ética cristã. O desempenho pessoal deveria almejar um bem maior: o bem social, e, portanto, se fazia necessário manter uma harmonia nas relações⁵⁴. E qual lugar poderia ser considerado o berço de todas essas relações sociais, que não a família?

A hierarquia pregada pelo catolicismo – transcendente-clero-fiéis, marido-esposa-filhos – acabou sendo utilizada para justificar também a obediência do cidadão para com o Estado, onde o país era representado como uma grande família – um artifício muito utilizado nos discursos de *O Apóstolo* –, baseada na submissão aos superiores e no cumprimento dos deveres.

A família em *O Apóstolo* acaba representada como “uma espécie de dobradiça entre a ordem pública e a ordem privada, cujas faces *externae* e *interna* são correspondentes”⁵⁵.

Mesmo sabendo que “A família não reproduz a sociedade; e esta, em troca, não imita aquela”, mas que o “dispositivo familiar” pode servir como mecanismo de manobras políticas⁵⁶, especialmente no âmbito discursivo, é que se torna possível compreender como a família católica acaba por tornar-se importante artifício durante o Estado Novo, atuando como ponto de intersecção entre o discurso católico e o discurso político.

Na representação da sociedade brasileira como uma grande família, o detentor do maior

⁴⁸ BRANDÃO, Ascânio. Calar, Sofrer, Rezar. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 jul. 1948, n. 433, p. 04.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ CARVALHO, 2002. P. 170.

⁵¹ LENHARO, 1986. P. 16.

⁵² CARVALHO, 2002. P. 170.

⁵³ BERGER, Peter. *O Dossel Sagrado* – Elementos para uma teoria sociológica da Religião. São Paulo: Paulus, 1985, p. 46.

⁵⁴ SOUZA, Rogério Luis de. As Imagens do Renascer Brasileiro: Catolicismo e Ideal Nacional (1930-1945). In: *Fronteiras: revista Catarinense de História*. Florianópolis, n. 11, 2003, p. 43.

⁵⁵ DUARTE, Luiz Fernando [et.al]. *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006, p. 63.

⁵⁶ FOUCAULT, 1985, p. 95.

pátrio era descrito como sendo o papa – graças à difusão do ultramontanismo –, entretanto, os líderes políticos também acabam beneficiados por tal representação, pois o amor à Pátria confundia-se com o amor a Deus, em um projeto nacionalista empreendido vigorosamente na Era Vargas, onde a Igreja representava o papel de regeneradora⁵⁷.

Esta foi uma aliança lucrativa para ambos os lados.

Considerações Finais

As representações de matrimônio, nos discursos da Boa Imprensa catarinense, estavam fundamentados em uma instituição familiar articulada a partir da concepção de laços eternos entre seus membros, e que para tanto, estes abdicariam de sentimentos e anseios particulares em prol do bem social, não permitindo que a nação mergulhasse na “anarquia e na desordem” ou na “destruição e na morte”. Mas acima de tudo o casamento monogâmico indissolúvel representava a disciplina do instinto sexual⁵⁸.

Isso implica dizer que a indissolubilidade dos laços matrimônias, nos discursos católicos, não estavam fundamentados na “concepção moderna de amor singular, eterno e dirigido a um indivíduo único e insubstituível, que povoa o imaginário social romântico e burguês”⁵⁹, mas sim, na disciplina, no controle dos impulsos interiores, capazes de atuar sobre os desejos, controlando seus anseios, em uma perfeita representação de civilização⁶⁰, da qual a Igreja Católica orgulhava-se de ser a portadora.

Apesar do tema aqui trabalhado não se configurar como inédito, a Igreja Católica do século XXI e seus posicionamentos tradicionais ainda inspiram trabalhos que nos levam a voltar os olhos para o passado, buscando compreender as continuidades e reapropriações executadas por esta instituição em nosso tempo presente.

Artigo Recebido em 08/06/2011

Artigo Aceito em 24/08/2011

⁵⁷SOUZA, 2003, p. 34-36.

⁵⁸Problemas de Família: o divórcio. *O Apóstolo*, Florianópolis, 01 set. 1951, n. 508, p. 03.

⁵⁹VAISTSMAN, 1994. P. 35.

⁶⁰GIDDENS, 1993. P. 27-28.